

Carlos Castilho Pais
Universidade Aberta – Lisboa
Carlos.Pais@uab.pt

As viagens por terra ao/do Oriente e a tradução oral (Séc. XV e Séc. XVI)

Resumo: Situando-se na época dos descobrimentos portugueses, este estudo trata das viagens por terra nos séculos XV e XVI. Em primeiro lugar, parte-se de uma curta comparação entre as viagens por terra e as viagens por mar desta mesma época, estabelecendo para cada grupo uma definição identificadora. De seguida, se, num primeiro tempo, nos interessou sobretudo identificar os viajantes, as rotas, as datas de partida e de chegada e os motivos da viagem, no segundo, importou-nos reflectir sobre as implicações das viagens para o estudo da tradução oral, considerando os relatos que delas nos ficaram enquanto *fontes* imprescindíveis para a identificação de intérpretes e de línguas em contacto no que diz respeito aos séculos considerados. A partir da análise efectuada, o estudo apresenta um conjunto de intérpretes, implicados nas viagens, sobretudo naquelas de que se possuem relatos publicados. Este artigo pretende, à sua maneira, comemorar os 400 anos da publicação da *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto (1614-2014).

Palavras-chave: Literatura portuguesa de expansão. Viagens por terra. Intérpretes/*línguas*. História da tradução.

The travels by land to/from East and the oral translation (centuries XV-XVI)

Abstract: Locating itself at the time of the Portuguese discoveries, this study deals with travel by land in the fifteenth and sixteenth centuries. Firstly, it offers a short comparison between travels by land and by sea from the same age, establishing an identifying definition for each group. Then, if in the first stage it aimed at identifying travelers, routes, departure and arrival dates, and reasons for travelling, in a second stage it reflects on the implications of travel for the study of oral translation. For doing so, it considers the reports from travels as *sources* which are essential for the identification of interpreters and languages in contact regarding the considered centuries. From the

analysis, the study presents a group of interpreters involved in the travels, especially in those that offer published reports. This article aims, in its way, to celebrate the 400th anniversary of the publication of *Peregrinação*, of Ferdinand Mendes Pinto Pilgrimage (1614-2014).

Keywords: Portuguese Literature of Expansion. Land travel. Interpreters/*línguas*. History of Translation.

As viagens por terra

De âmbito multidisciplinar alargado, as viagens, sobretudo as de épocas anteriores à nossa, não devem deixar de interessar também aos Estudos de Tradução. Na preparação da viagem, no trajecto e na chegada encontramos não só a identificação dos protagonistas da tradução (intérpretes/tradutores) e do acto tradutório, mas também outros dados de interesse que trazem luz ao conhecimento que queremos construir e que não é indiferente ao olhar do Homem para com o outro Homem e seus modos de encarar o mundo e a vida.

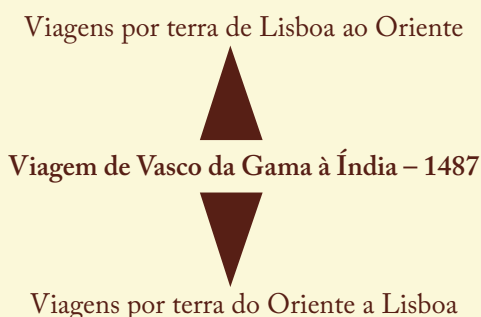
Situa-se a minha reflexão num período que é visto por muitos como período ‘glorioso’ da História de Portugal, como facilmente se deduz pela indicação cronológica que acompanha o seu título. Os historiadores costumam arrumar as obras de que darei conta daqui a pouco na ‘Literatura Portuguesa da Expansão’. Composta por vários núcleos temáticos, a ‘Literatura Portuguesa da Expansão’ inclui aquele núcleo que nos interessa aqui – o dos relatos de viagens escritos por autores que narraram ou descreveram as viagens em que participaram, no qual constam nomes mais ou menos conhecidos do grande público como, para além daqueles de que falaremos, Álvaro Velho, Tomé Pires, Francisco Álvares, Frei Gaspar da Cruz, Fernão Mendes Pinto, etc. Esse núcleo, como se compreende, não poderia ser tratado num simples artigo.

A viagem mais célebre da época dos descobrimentos portugueses é, sem dúvida, a de Vasco da Gama à Índia em 1497 (partida de Lisboa). O Gama chegou à Índia em 1498 e 1499 foi o ano da sua chegada a Lisboa, no seu regresso. Mas a viagem do Gama é uma *viagem marítima* e, seguindo a metodologia histórica, que tem diferenciado em *viagens marítimas* e *viagens por terra ao Oriente* todas as viagens do período em análise, ocupar-me-ei apenas das viagens por terra, limitando, assim, o núcleo temático de que temos vindo a falar, no que diz respeito quer ao tempo histórico, quer ao tipo de viagens.

Importa registar desde já aquilo que se entende por *viagem por terra*, guiando-nos pela reflexão com que o Conde de Ficalho introduzia, em finais do século XIX (1898), a sua obra *Viagens de Pero da Covilhã* (cif. Bibliografia), obra à qual voltaremos a outros propósitos.

Descoberto o novo caminho para a Índia pelo Cabo, encarreirou-se naturalmente por ali todo o movimento militar e comercial; mas sucedeu que alguns viajantes portugueses isolados, levados pela simples fantasia ou pelas necessidades do momento, seguiram ainda várias vezes a antiga via do Mediterrâneo e do Egipto ou da Síria. E a estas viagens, embora feitas quase todas por mar, se deu o nome de viagens por terra, em oposição às que tomavam o novo caminho em volta de África, feitas *todas* por mar. (FICALHO, 1898: V)

Determinante no ensinamento do Conde de Ficalho, a descoberta do ‘novo caminho para a Índia pelo Cabo’, graças à viagem de Vasco da Gama, constitui um marco a partir do qual se pode estabelecer um *antes* e um *depois* daquela viagem. É, a partir dela, que podemos falar de *viagens exclusivamente marítimas*.



Evidentemente, tal como refere o Conde de Ficalho, não está excluída das viagens por terra uma *componente marítima*, quer nas viagens realizadas antes, quer depois da viagem do Gama.

No período histórico em análise, excluindo as viagens cujo destino era a Terra Santa, recenseámos quatro viagens - há muito conhecidas dos historiadores, que as estudaram com objectivos diferentes dos meus, claro está - que irão ser tratadas em núcleos separados, não só em função do antes e do depois da viagem de Vasco da Gama, mas também em função dos lugares de partida.

As viagens por terra de Lisboa ao Oriente	
1ª viagem	
Ano	1485
Viajantes	Frei António de Lisboa e Pedro de Montarroio

Destino	Terras do Preste João
Relato	Não
2ª viagem	
Ano	1487
Viajantes	Pêro da Covilhã e Afonso de Paiva
Destino	Terras do Preste João
Relato	Não

Tabela 1: De Lisboa ao Oriente

Antes da viagem do Gama, reinando ainda o rei D. João II (1455-1495), as *viagens por terra de Lisboa ao Oriente* têm por objectivos (explícitos) procurar e entrar em contacto com o Preste João das Índias.

Realizada já no reinado seguinte (D. Manuel), mas preparada ainda durante o reinado de D. João II, a própria viagem do Gama, a acreditar no *Relato Directo da Viagem* (cif. Bibliografia: MACHADO; CAMPOS, 1969: 113 e sgs.) ainda prosseguia alcançar estes objectivos; nessa altura, não sabiam os navegantes que um português – um viajante das nossas *viagens por terra* (Pêro da Covilhã) – tinha conseguido já chegar à corte do Negus – do Preste João:

E isso tudo entendia um *marinheiro* [Fernão Martins] que o Capitão-mor levava, o qual fora já cativo dos mouros e, portanto, entendia estes que aqui achámos. (...)

Mais nos disseram que Preste João estava dali perto e que tinha muitas cidades ao longo do mar e que os moradores delas eram grandes mercadores e tinham grandes naus, mas que o Preste João estava muito dentro pelo sertão e que não podiam lá ir senão em camelos, os quais mouros traziam aqui uns dois cristãos índios cativos. E estas coisas e outras muitas diziam estes mouros, do que éramos tão ledos que com prazer chorámos e rogámos a Deus que lhe aprouvesse de nos dar saúde para que víssemos o que todos desejávamos. (MACHADO; CAMPOS, 1969: 139)

Com estes objectivos, conhecem-se duas viagens, sendo a primeira realizada em 1485, protagonizada por frei António de Lisboa e Pedro de Montarroi. Os viajantes chegaram até Jerusalém, mas daí não passaram por razões que indicaremos a seguir.

Na viagem seguinte, também realizada a mando do Rei e com os mesmos objectivos confessados, em 1487 – ou 1486, segundo Garcia de Resende –, partem por terra em direcção à Abissínia (terra do Preste João das Índias) os mensageiros Pêro da Covilhã e Afonso de Paiva. Destes mensageiros nos ocuparemos com mais pormenor mais adiante.

O itinerário que estes viajantes seguiram, acima mencionado em traços largos na citação extraída da obra do Conde de Ficalho, foi estudado desenvolvidamente por José Nunes Carreira (1980), limitando-me aqui a seguir esse estudo muito rapidamente: de Lisboa os viajantes dirigiam-se à Catalunha e daí a Veneza para chegar ao Cairo e a Jerusalém. Apenas os protagonistas da segunda viagem conseguiram ir mais adiante, embora por caminhos diversos. Afonso de Paiva dirige-se para Ormuz, em demanda da Abissínia, mas finda-se sem chegar à corte do Preste João. Pêro da Covilhã, já sem a companhia do amigo, demanda a costa do Malabar e volta ao Cairo, encetando daí o caminho de regresso a Lisboa. E é no Cairo que recebe a notícia do desaparecimento de Afonso de Paiva e outras notícias vindas do Rei português. Os planos alteram-se aí para Pêro da Covilhã. Em vez de regressar a Lisboa, Pêro da Covilhã, toma o caminho de Ormuz e chega à Abissínia, numa aventura sem volta à sua terra, como bem observou o Conde de Ficalho (1988, 132): “ Em Zeila terminaram o que propriamente se podem chamar *as viagens* de Pêro da Covilhã. Dali penetrou na Abissínia donde nunca mais saiu”.

Nas viagens de regresso a casa, também duas, realizadas muitos depois da viagem de Vasco da Gama à Índia, os relatos que delas possuímos são da autoria dos próprios viajantes (cf. Tabela 2), o que diferencia estas viagens das anteriores, das quais nem relatos existem, como se assinala no quadro respectivo, tornando impossível a identificação dos tradutores/intérpretes de que provavelmente os viajantes se socorreram.

As viagens por terra do Oriente para Lisboa	
1ª viagem	
Ano	1523
Viajantes	António Tenreiro
Destino	Lisboa
Relato	<i>Itinerário em que se contém como da Índia veio por terra a estes reinos de Portugal</i> , (TENREIRO, 1980)
2ª viagem	
Ano	1565
Viajantes	Mestre Afonso
Destino	Lisboa
Relato	<i>Itinerário de Mestre Afonso</i> , (cf. BAIÃO, na Bibliografia)

Tabela 2: Do Oriente a Lisboa

Ocupamo-nos apenas das viagens de que possuímos relatos, deixando de fora do nosso estudo muitos outros viajantes do século XVI; “*Viatores minores*” lhes chamou Sousa Viterbo já em finais do Século XIX (VITERBO, 1898: 15).

António Tenreiro é o autor do *Itinerário em que se Contém como da Índia Veio por Terra a estes Reinos de Portugal*, obra publicada em 1560. Natural de Coimbra, desconhecem-se as datas de seus nascimento e morte. António Tenreiro, ‘Cavaleiro da Ordem de Cristão’, ‘oferece’ o seu ‘pequeno tratado’ ao rei D. Sebastião (1554-1578), no *Prólogo* da obra, onde encontramos a razão de ser da sua estadia na Índia e os motivos que o levam a empreender a viagem.

(...) esta minha peregrinação que neste pequeno tratado ofereço a V. A., no qual brevemente compilei as coisas que passei desde o tempo que, estando na Índia servindo na milícia a el Rei de mui gloriosa memória vosso avô [D. João III (1502-1557)], fui na companhia da embaixada de D. Duarte de Meneses, governador que então era da Índia, mandou ao Sufi e passando eu mais adiante com o desejo que tinha de ir a Jerusalém correndo a Turquia e grande parte da Ásia, me foi necessário tornar à Índia por não achar embarcação para a Europa, e pela experiência que tinha deste caminho não acostumado de homens cristãos, me mandou Cristóvão de Mendonça, capitão e governador do reino de Ormuz, que viesse da Índia por terra a Portugal com cartas de muita importância, a el Rei vosso avô; o que eu aceitei e foi coisa nova e estranha neste reino verem homem que da Índia viesse por terra a Portugal. (TENREIRO, 1980: 13-14)

Após ter abandonado a Embaixada, que chegara ao seu destino, António Tenreiro dirige-se para Jerusalém, como era seu propósito, mas em “Caraemite” (DyarbaKir), cidade situada “junto do rio Tigre”, é preso e conduzido ao Cairo. E é no Cairo que contacta com alguns judeus conhecedores de paisagens que António Tenreiro também conhecia. Francisco de Albuquerque é um deles, de quem nos ocuparemos a seguir.

Do Cairo, António Tenreiro parte para Ormuz e aí reintegra talvez a milícia, a sua anterior ocupação. Em finais de Setembro de 1528, António Tenreiro inicia a viagem de volta a Portugal. Com efeito, o governador da Índia de então, Lopo Vaz de Sampaio (1526-1529), solicitara ao capitão de Ormuz, Cristóvão de Mendonça, “que buscasse um homem para que fosse por terra a Portugal, para que visse em o caminho em as terras do Grão-Turco se havia novas de passarem os Rumes à Índia” (TENREIRO, 1980:121-122). Esse homem seria António Tenreiro, que, para além de ‘espiar’ eventuais indícios de movimentos das tropas do Grão-Turco, trazia cartas para D. João III, como era hábito na época.

Já Mestre Afonso, o autor do *Itinerário de Mestre Afonso* (BAIÃO: 1923), saiu de Cochim a 6 de Fevereiro de 1565 rumo a Portugal, na viagem que trazia de volta também João de Mendonça – o governador que tinha assegurado o in-

terregno após o desaparecimento do governador D. Francisco Coutinho (1561-1564) e a chegada do novo governador, D. Antão de Noronha (1564-1568). A tempestade, perto de Moçambique, fez com que a nau (Santo António) em que viajava rumasse em direcção de Ormuz, decidindo-se então este cirurgião de origem judia pela viagem por terra, iniciada em Ormuz, que o vai conduzir a Lisboa, atravessando Aleppo, Trípoli, Chipre, Veneza, Lyon e La Rochelle.

Quanto à rota seguida por estes viajantes, há que referir que eles seguem itinerários semelhantes, de Ormuz a Aleppo e Trípoli e daí a Veneza, divergindo, no entanto, a partir daí, seguindo em direcção a Valença e Toledo António Tenreiro, enquanto Mestre Afonso ruma em direcção a La Rochelle (França) para daí chegar a Lisboa.

As viagens por terra e a tradução

Teço agora algumas considerações sobre a tradução, de características 'orais', como já salientei há pouco. Nos quadros seguintes, obedecendo metodologicamente ao esquema divisório que temos vindo a adoptar (viagens por terra de Lisboa ao Oriente e viagens do Oriente a Lisboa) apresenta-se para cada viagem os seus intérpretes/tradutores. Eles situam-se na coluna da direita em qualquer dos casos.

Porém, antes de continuar, importa referir que estas viagens, como não poderia deixar de ser, devem incluir-se no conjunto das *fontes* do estudo da história da tradução oral.

PERSPECTIVA	
LITERATURA	<i>ESTUDOS DE TRADUÇÃO</i>
PORTUGUESA DE VIAGENS	<i>História da Tradução</i>
▶ Viagens por terra	▶ Identificação - Intérpretes/tradutores - Contextos comunicativos
	▶ Revelação - Acto tradutório (aspecto antropológico) (formas de encarar o outro)

Quadro 1: Literatura Portuguesa de Viagens e Estudos de Tradução

Estas *fontes* permitem a identificação dos intérpretes/tradutores e dos actos comunicativos interlinguísticos que aconteceram em determinado tempo

histórico e também revelam as formas de encarar o acto de traduzir, de encarar o outro, e, ainda, outros aspectos de índole mais antropológico, de interesse também para o nosso estudo da tradução oral.

Com mais segurança do que há dez anos atrás, pode dizer-se que a disciplina científica, que se quer autónoma, nomeada de ESTUDOS DE TRADUÇÃO, alargou os seus horizontes de estudo, passando a interessar-se menos pela tradução enquanto ‘coisa prática’, embora continue a ensinar-se mil vezes mais a traduzir do que a investigar a tradução. A inscrição da tradução no campo da investigação é, na actualidade, já uma realidade que faz com que a tradução seja encarada também enquanto património, histórico, a preservar e a interpretar.

No que respeita às viagens por terra de Lisboa ao Oriente (cf. Tabela 3), torna-se problemática a identificação de qualquer intérprete, uma vez que não chegou até nós qualquer relato escrito pelos viajantes. Mesmo assim, e baseando-nos apenas no critério do conhecimento de línguas atribuído aos viajantes, devem incluir-se na categoria dos intérpretes¹ da época dos descobrimentos portugueses os nomes de Pêro da Covilhã e Afonso de Paiva.

Os intérpretes/ <i>línguas</i> das viagens por terra de Lisboa ao Oriente	
Ano – Viajantes	Intérpretes/ <i>línguas</i>
1485 - Frei António de Lisboa e Pedro de Montarroio	
1487 - Pêro da Covilhã e Afonso de Paiva	. Pêro da Covilhã . Afonso de Paiva

Tabela 3: Os *línguas* das viagens por terra de Lisboa ao oriente

O mesmo não pode dizer-se dos protagonistas da primeira viagem, pois “... desculpando-se com não conhecerem a língua arábica, não passaram de Jerusalém; mas puderam colher ali numerosas e valiosas notícias” (FICALHO, 1988: 61). Sem outras informações para além das que são fornecidas pelo Conde de Ficalho, a investigação sobre esta viagem e seus protagonistas terá que ficar por aqui.

Já no que diz respeito à segunda viagem, Afonso de Paiva e Pêro da Covilhã devem figurar na galeria de um *futuro dicionário dos intérpretes da época dos descobrimentos portugueses*. A língua franca do Oriente daquela época – o árabe

¹ Nos documentos do género dos que estamos a tratar utiliza-se o termo *língua* em vez do de intérprete (Pais, 2005).

- era-lhes familiar, e disso nos dá conta a obra do Conde de Ficalho de forma magistral. Sobre Pêro da Covilhã, as fontes que possuímos são diversas e delas se alimentou a obra do Conde de Ficalho (Damião de Góis, João de Barros, Castanheda, Gaspar Correia, etc.); Francisco Álvares, que conviveu de perto com Pêro da Covilhã na Abissínia durante mais de cinco anos (1520-1526), deixou-nos um testemunho impressionante na sua obra *Verdadeira Informação das Terras do Preste João das Índias* (ÁLVARES, 1989) sobre o escudeiro do rei D. João II, então ao serviço da corte na Abissínia, enquanto novo homem e enquanto intermediário na comunicação entre o Negus (David) e os portugueses da Embaixada de D. Rodrigo de Lima (na qual Francisco Álvares está integrado na qualidade de capelão), auxiliando na tradução de cartas e de outros documentos.

Já dentro do século XVI, as viagens por terra do Oriente, pelos relatos que delas nos deixaram os seus protagonistas, constituem-se em *fontes directas* do conhecimento sobre a tradução. Para além de António Tenreiro e de Mestre Afonso, estes relatos permitem-nos conhecer melhor mais três intérpretes deste século (cf. Tabela 4), cuja actividade é também atestada por outras *fontes*.

Os intérpretes/línguas das viagens por terra do Oriente para Lisboa	
Ano – Viajantes	Intérpretes/línguas
1523 – António Tenreiro	<ul style="list-style-type: none"> • António Tenreiro • Francisco de Albuquerque • António de Noronha
1565 – Mestre Afonso	<ul style="list-style-type: none"> • Mestre Afonso • David Judeu

Tabela 4: Os *línguas* das viagens por terra do Oriente a Lisboa

O autor do *Itinerário* mostra-se modesto quando refere as línguas que conhece, afirmando ora saber falar “a língua persiana”, ora não a saber falar “muito bem”; e até a “língua turquesa” “já começava de entender”, referindo todavia a necessidade de intermediários da comunicação com vários dos seus interlocutores – tudo isto durante a primeira parte do seu relato, do início da viagem até ao ano de 1528. A partir desta data, António Tenreiro fez-se acompanhar apenas de “um mouro” por guia. Mas o autor do relato não dá informação sobre qual era a língua da comunicação entre Tenreiro e o seu guia.

Dos nomes que figuram na tabela cinco, o de Francisco de Albuquerque é, sem dúvida, aquele que possui maior visibilidade nas *fontes* dos descobrimentos portugueses. É no Cairo que António Tenreiro, ainda durante a primeira parte da sua viagem, vai encontrar Francisco de Albuquerque:

E entre outras coisas que me disse, foi rogar-me que se me perguntassem os outros judeus se sabia eu de uns dois judeus que foram cativos na Índia os tempos passados e se fizeram lá cristãos, que dissesse que não sabia disso nada; e porque na verdade este mesmo na Índia se fizera cristão em tempo de Afonso de Albuquerque, que o cativou em uma nau que vinha de Meca e o casou em Goa, onde esteve alguns anos casado e se chamava Francisco de Albuquerque. Eu o tinha muitas vezes visto na Índia e ouvira nomear. Depois pelo dito Afonso de Albuquerque foi enviado a Portugal a el-Rei D. Manuel, e em Lisboa se embarcou nas galeças de Veneza, escondido se tornou para o Cairo para sua mulher e filhos, que já dantes tinha. E por eu disto não dar conta nenhuma aos outros judeus folgou de me favorecer algum tempo que em esta cidade estive, até me dela partir; e do que em ela vi contarei algumas coisas mais notáveis. (TENREIRO, 1980: 94)

Francisco de Albuquerque era um judeu castelhano, aprisionado pelos portugueses juntamente com Alexandre de Ataíde, ambos expulsos de Castela após o decreto de expulsão dos judeus pelos Reis Católicos, segundo o seu próprio testemunho (Carta do próprio endereçada ao rei D. Manuel, com data de 12 de Dezembro de 1512, cf. PATO, R. A. de Bulhão; MENDONÇA: 1884-1935; vol. III, 357).

Em 1510, por ordem de Afonso de Albuquerque (1453-1515), governador da Índia (1509-1515), Simão Martins apreende uma nau que vinha de Adem com destino a Calecute. A acreditar nas palavras do autor (Brás de Albuquerque, filho de Afonso de Albuquerque) dos *Comentários do Grande Afonso de Albuquerque*, nela viajavam cativos “dois Judeus Castelhanos”:

E estes dois Judeus se tornaram cristãos: um deles se chamou Francisco de Albuquerque, e o outro Alexandre de Ataíde. E Afonso de Albuquerque, enquanto viveu, se serviu deles de línguas, principalmente de Alexandre de Ataíde, que sabia muitas, e era grande homem de negócio. E morto Afonso de Albuquerque, vieram-se para Portugal, em tempo del-Rei D. Manuel, e daqui tornaram à Índia, e da Índia se foram ao Cairo, e lá se tornaram Judeus.

(*Comentários do Grande Afonso de Albuquerque*, 1973: tomo I, 270)

Apesar do teor menos lisonjeiro de Brás de Albuquerque para com o nosso intérprete, o autor dos *Comentários* não deixa de referir algumas ocasiões em que Francisco de Albuquerque é chamado a desenvolver o seu trabalho de intérprete. Seguindo a narrativa dos *Comentários do Grande Afonso de Albuquerque*, voltamos a encontrar Francisco de Albuquerque numa expedição ao estreito de Ormuz, ordenada por Afonso de Albuquerque em 1514 e comandada pelo sobrinho Pero de Albuquerque: “(...) e ao outro dia de manhã mandou (Pero de Albuquerque) a Tristão Déga a terra, e Francisco de Albuquerque, que

fora Judeu, por língua, com as cartas que trazia de Afonso de Albuquerque para o Rei (de Ormuz) (...)” (*Comentários do Grande Afonso de Albuquerque*, 1973: tomo II, 125).

Contrariamente a Francisco de Albuquerque, de António de Noronha possuímos escassa informação. Da obra de António Tenreiro extraímos que António de Noronha era um judeu de Ormuz, convertido ao cristianismo após a chegada dos portugueses. Não se sabe em que ano ele terá chegado ao golfo Pérsico, donde terá vindo, nem sequer se já lá se encontrava quando os portugueses aí chegaram.

António Tenreiro menciona este intérprete, logo no início do seu relato, dizendo que António de Noronha fez parte da embaixada que o governador da Índia, D. Duarte de Meneses (1522-1524), enviou ao xá Ismail ou sufi da Pérsia no ano de 1523:

Desta cidade (Ormuz) partiu o Embaixador Baltasar Pessoa, e com ele ia também um mouro criado do Sufi chamado Abidalcalifa; ia por escrivão da embaixada Vicente Correia, e por língua um António de Noronha que, sendo judeu, por sua vontade se fez cristão em a dita cidade. (TENREIRO, 1980: 19)

De Mestre Afonso, cirurgião de origem judia, se ocuparam já vários críticos e bibliófilos em resenhas sobre as viagens da Índia por terra a Portugal ou sobre médicos portugueses do passado. Para o nosso propósito, o facto de Mestre Afonso ser médico é de realçar.

Que Mestre Afonso exercia a medicina não restam dúvidas. Para exercer o cargo de cirurgião-mor ao serviço do governador da Índia viajara para o Oriente na armada de D. Francisco Coutinho (Vice-rei da Índia de 1561-1564). Vários apontamentos do *Itinerário* mostram-no a curar viajantes e gentes das terras por onde passou.

Os quatro anos de permanência na Índia não terão sido certamente suficientes para que Mestre Afonso desenvolvesse competências comunicativas em árabe, alargando assim algum conhecimento do árabe (e talvez do persa), porventura adquirido durante a sua formação judeu-arábica. Essa é a opinião de José Nunes Carreira, que justifica o facto de Mestre Afonso não perceber “as línguas do Próximo Oriente do seu tempo, nomeadamente o árabe” (CARREIRA, 1980:78), pela ‘dádiva’ que o governador de Ormuz (D. João de Mendonça) lhe faz, enviando-lhe para Alepo David Judeu, que devia acompanhar mestre Afonso até Veneza.

Do David Judeu pouco sabemos; as informações que dele nos dá Mestre Afonso não são abonatórias, no que diz respeito ao seu carácter e à sua honestidade.

Resta, para terminar, referir que, para além da identificação dos intérpretes e das línguas em contacto, as viagens por terra deste período continuam a ser

um manancial de informações sobre o *outro* e sobre o papel da tradução nesta época, que, mesmo existindo, não impediu que a *chegada* fosse considerada ‘um milagre’ pelo viajante, pois, foi “sendo tantas vezes posto em risco de morte, preso, roubado, e passando por tão diversas nações bárbaras e estranhas e pelo deserto (...)” (TENREIRO, 1980: 14). Atingir-se-á, dessa forma, uma compreensão mais cabal do que foram e do que deveriam representar para nós, hoje, estes homens/viajantes/intérpretes. Situamo-nos em campo fulcral para a compreensão do que foi o mundo e daquilo que ele é na actualidade.

Bibliografia

- ÁLVARES, Francisco. *Verdadeira Informação das Terras do Preste João das Índias*. Europa-América, Lisboa, 1989.
- BAIÃO, António. *Itinerários da Índia a Portugal por Terra*. Imprensa da Universidade, Coimbra, 1923.
- CARREIRA, José Nunes. *Do preste João às Ruínas da Babilónia, Viajantes Portugueses na Rota das Civilizações Orientais*. Editorial Comunicação, Lisboa, 1980.
- _____. *Comentários do Grande Afonso de Albuquerque*. I. N. C. M, Lisboa, 1973.
- FICALHO, Conde de. *Viagens de Pero da Covilhã*. I. N. C. M, Lisboa, 1988.
- MACHADO, José Pedro; CAMPOS, Viriato. *Vasco da Gama e a Sua Viagem do Descobrimento*. Câmara Municipal de Lisboa, Lisboa, 1969.
- PAIS, Carlos Castilho. *Apuntes de Historia de la Traducción Portuguesa*. Vertere, colección ‘monográficos de la Revista Hermeneus’, Diputación Provincial de Soria, Soria, 2005.
- PATO, R. A. de Bulhão; MENDONÇA, H. Lopes de. *Cartas de Afonso de Albuquerque*. Academia das Ciências, Lisboa, 1884-1935.
- RESENDE, Garcia de. *Crónica de D. João II e Miscelânea*. I. N. C. M, Lisboa, 1991.
- TENREIRO, António. *Itinerário em que se Contém como da Índia Veio por Terra a estes Reinos de Portugal*. Estampa, Lisboa, 1980.
- VITERBO, Sousa. *Viagens da Índia a Portugal por Terra*. Imprensa da Universidade de Coimbra, Coimbra, 1898.